

Educação, Sexualidade e História 1

Roberto Sérgio Bromberg¹

A História foi uma ciência que durante muito tempo restringiu-se a contar grandes feitos. Impérios, batalhas, heróis, traidores e, acima de tudo - o terror de estudantes -, datas sempre foram marcos essenciais à descrição da evolução da humanidade. De alguns anos para cá, no entanto, vem sendo cada vez mais aceito e reconhecido o que se convencionou chamar de história das mentalidades, um novo conceito onde o cidadão e a coletividade são mais importantes que seu imperador. Características como o clima, a densidade de populações, a própria arquitetura das casas passaram a ser dados relevantes na compreensão de como chegamos a ser o que somos, de como mudam os valores e comportamentos e de como tais processos influenciam o correr do que chamamos História.

Quando relevamos a importância do ser humano comum, relevamos suas necessidades biológicas. A alimentação, o sono, as vestimentas, o critério do que é saudável transformam-se em parâmetros importantes para podermos entender determinados comportamentos. Seriam a sexualidade, o prazer, a definição de capacidade reprodutiva do bicho-homem menos importantes? Por que conceitos de beleza, erótico, tabu flutuam através de gerações e locais diferentes?

O estudo de populações isoladas, com características diversas do que convencionalmente chamamos de civilização (obviamente ocidental), trouxe espanto e despertou - e ainda desperta - curiosidade. Cultos exóticos, diferentes concepções de estrutura familiar, nudez surgiram como uma reafirmação da inocência original, uma

1. Ginecologista.
Recebido em 10/12/89

reafirmação da tese do bom selvagem, de certa forma, um retorno a Rousseau, ao paraíso perdido. A tese do homem predador lutando contra um mundo inóspito, mas mantendo sua inocência, vem reforçar a tese do herói, do mito, do condutor de civilizações perante desafios.

Mas, e se anularmos o olhar distante da civilização, o desdém da sofisticação e voltarmos o pensamento para nós próprios? Somos animais na escala zoológica, animais gregários, sempre andamos em bandos por necessidade de sobrevivência - somos animais sociais. Como se organizam os animais gregários? Existem os animais dominantes, líderes de manada, os animais discriminados por incapacidade física ou por incapacidade de dar proteção às crias. Existe a concorrência sexual, o cortejar e a conquista do outro sexo. Seriam estas características estranhas para nós? Poderíamos alegar que somos portadores de capacidades únicas, pois teríamos, pela nossa maior complexidade, diferentes necessidades e, eventualmente também por isso, desvios no que, por convenção, chamamos comportamento aceitável.

E os animais não teriam comportamentos complexos? Mamíferos machos quando perdem uma disputa de liderança são cobertos pelo vencedor em uma atitude de fêmea, para salvar a sua vida; chimpanzés masturbam-se; cães uivam para a lua; lêmures fazem marchas suicidas etc. Os exemplos são inúmeros.

Somos diferentes, sem dúvida. Conseguimos contar a História, transmitimos aprendizado, informações. Ocultamos informações. A capacidade de manipulá-las transformou-se em fonte de poder, provavelmente muito maior que o rosnar de um macho em uma alcatéia.

Os registros obtidos através dos tempos realçam o indivíduo, o mito do herói. Se desejamos um indivíduo comum satisfeito, devemos conceder-lhe a suto-estima, a capacidade de eventualmente refletir-se no mito. Como fazer isto real? Como mantê-lo dentro de limites considerados socialmente aceitáveis? Educando-o: ensinando-lhe como comer, crescer, falar, relacionar-se etc. Quando educado, o ser humano ganha limites no que chamamos aceitável em termos de comportamento. E chamamos de aceitável o que não fere nem destrutura os padrões de determinado grupo social.

Mantendo esta linha de raciocínio, indubitavelmente polêmica, podemos dizer que educação é controle e o educador, não importando o seu rótulo, exerce o poder de direcionar comportamentos, tendências. As primeiras dúvidas suscitadas então seriam, parafraseando Virgílio: Quem educa o educador? A quem serve o educador?

Quando falamos de educação sexual, estamos falando do con-

trole de necessidades básicas, de interesses e de alegações as mais variadas possíveis. Em toda a história da humanidade, os conceitos de comportamento sexual adequado variaram bastante. A ordem ou o conjunto de valores envolvidos muda conforme as situações, sempre envolvendo instituições. Problemas, tais como família, procriação, adultério, homossexualismo etc. são administrados sob diferentes formas. Sem dúvida, o permissível é uma questão de época.

SEXUALIDADE: UM PASSEIO NA HISTÓRIA

Como vivia, em termos de estruturação sexual, o cidadão de uma cidade-estado na Grécia antiga? Até a puberdade, é aprendiz em jogos esportivos, atividades culturais, tendo normalmente sua iniciação sexual, de forma passiva, com um cidadão mais velho. Púbere, tal comportamento passa a adquirir status elitizante, uma vez que a amizade somente é digna para seres do mesmo sexo e classe social. A atividade heterossexual prazerosa é praticada em casas de hetairas, responsáveis pelos bordéis refinados da época. Em casa, as relações sexuais têm fins eminentemente procriativos. A amizade homossexual é extremamente valorizada em combate. Cabe lembrar que os famosos trezentos de Esparta eram 150 casais de homossexuais masculinos. As meninas, estas são educadas a reconhecer seus dias férteis, a perceber sinais de doença em seus corpos, enfim, a esperar pelo momento adequado de procriar. Em alguns locais, são precocemente defloradas por um cidadão mais velho, no início da puberdade, a título de iniciação sexual. Em nenhum momento lhes é permitido um refinamento cultural e as poucas que conseguem se sobressair são freqüentemente de baixa camada social, que ascendendo à posição de prostitutas de alta classe (hetairas) chegam a discutir em pé de igualdade com os homens, às vezes influenciando em decisões políticas.

Com o passar do tempo, em Roma, a situação transforma-se um pouco. A matrona ganha espaço na vida comunitária. Aparecem legislações condicionando a procriação à posse da herança familiar, tentando com isso manter as propriedades nas mãos dos "legítimos" cidadãos romanos, sob pena de, na ausência de herdeiros, ocorrer uma apropriação pelo Estado. Medidas como estas tendem a revelar a existência de uma massa populacional crescente, que aparece muito discretamente nos registros históricos: os não-cidadãos, os sem-terra e sem-classe, vivendo amontoados em casebres, sem normas rígidas de comportamento, procriando sem controle, por ignorância e por necessidade de sobrevivência. Como controlar os sem-posse,

sem esperança? Neste caldeirão de culturas, que é a periferia da cidade, aparece um novo culto muito bem aceito. A ausência de propriedades, a fome, a pobreza passam a ser caminhos para a esperança de uma redenção futura. A ausência de prazer é uma meta.

O culto afirma-se, ganha força com *status* de Estado. Varando séculos a fio, o prazer é administrado, confinado à produção de filhos, proibido e execrado fora deste intuito. Assim como a gula, a luxúria também é pecado, digno de remorsos e punições; sua instigação, digna da danação eterna e da purificação pelo fogo. Controla-se a população que margeia a cidade, valoriza-se a sacramenta-se a família, órgão básico social, unidade produtora, engrenagem fundamental do Estado.

O controle sofisticava-se. Filósofos ensinam os comportamentos adequados, definem graus de insanidade, discretamente coniventes com o poder instituído. Os profissionais de saúde da época também pontificam os seus dogmas. O masturbar enlouquece, o prazer feminino é doentio e indecente, deflorar virgens é uma excelente terapêutica para doenças venéreas. Ambroise Pare, um dos pais da moderna cirurgia, em 1585, em seu livro *Monstros e Prodigios*, nos dá exemplos da teratogênese demoníaca e de como proceder para iludir incubos e súcubos. Estes profissionais, anos depois, afirmarão serem as mulheres e crianças seres inferiores, aptas ao trabalho semi-escravo que caracterizará o início da Revolução Industrial.

Felizmente, a busca do conhecimento não parou. O comportamento humano passa a ser visto como ciência. Quais são as razões da psique? Evoluímos. O que antes era pecaminoso é então reconhecido como perversão cientificamente rotulada. A danação torna-se alienação, *sensu latu*; a mente lúcida, moderna, transforma o pecado em doença, em desvio nocivo ao convívio social.

Mas a verdade é transitória. Reformam-se as teorias. O desejo aparece como causa de distúrbios no adulto; um comportamento cada vez mais liberal pode ser rotulado de neurose ou pode ocasionar detenção, conforme a circunstância. O que é normal? O que fazer com os indivíduos para manter-lhes a sanidade sem conturbar o meio social?

EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA SOLUÇÃO?

Ensinar a fisiologia da resposta sexual, desmistificar a cópula, ensinar a anticoncepção. Sem dúvida, ensinando como funciona, se mostrarmos o aceitável, se adicionarmos uma pequena dose de romantismo. Pronto! Tudo é possível. Desde que haja amor. Alguém

mais desagradável lembraria das perversões. Desde que ocorram entre quatro paredes, com mútua permissão, tudo bem. Novamente nosso casal comum pode se comparar com seus ídolos e heróis. Podemos respirar, a estrutura é mantida.

As “curiosidades” relatadas no nosso passeio histórico são formas de educação sexual, cada qual à sua maneira. Em todas as épocas aparece esta preocupação. O modo de manter uma relação, com quem tê-la, a necessidade de um vínculo reconhecido e a manutenção deste, sempre foi um motivo de atenção do sistema vigente, fosse ele qual fosse. Poderes laicos, seculares, científicos disputaram (e disputam) a manutenção de dois dogmas comportamentais através dos tempos e, não raro, se coligaram para a manutenção de tais dogmas.

Será que hoje, na nossa cultura orgásmica, a importância da educação não estaria marcada pelo poder de rotular indivíduos, plasmar comportamentos? Curamos e analisamos orgasmos, mas mal conseguimos defini-los. Especialistas, que até ontem defendiam a inexistência de algo que pudesse ser chamado de perversão, hoje vaticinam o uso sistemático de preservativo para a prevenção contra a AIDS, afirmando, desta forma, que o ato sexual resume-se à penetração e nada mais. Podemos lembrar que a liberdade conhecida (por quem?) estimula o comportamento franco, desinteressado. Podemos notar também que a geração que mais desfrutou desta liberdade hoje tem postura firme contra procedimentos abortivos.

Quando ensinamos uma criança a comer não lhe ensinamos a gula; uma pessoa que toma bebidas alcoólicas não é necessariamente um alcoólatra. O obeso voraz e o alcoólatra refletem alterações de comportamento mais profundas, reflexos de uma insatisfação do indivíduo com o meio a consigo próprio.

Quando educamos, emancipamos. O indivíduo emancipado, quando em meio que não o acompanha, torna-se aberrante, conflitante. Logo, o esclarecimento não deve ser dirigido somente a um indivíduo, mas sim a uma coletividade. Se perseguimos a utopia do ser emancipado integralmente, por que não pensar grande e imaginarmos todo um meio emancipado, saudável e integrado? Reich apostou nessa idéia nos primórdios da Revolução de 1917; frustrou-se depois. Seria esta sociedade perfeita, compatível com nossos antecessores biológicos? Não sabemos.

Sem dúvida, um processo de educação é necessário. É importante lembrar que ainda somos seres pertencentes a uma escala zoológica, que vivemos em sociedades estratificadas, com diferentes graus de compreensão e de liberdade. Hoje convivem, às vezes em uma mesma cidade, Grécia, Roma e Europa do passado, não raro com os mesmos mitos e tabus. Devemos lembrar que o papel de edu-

cadores sempre serviu a uma instituição maior que, de certa forma, os. manteve e apoiou. Devemos, sem dúvida, perseguir a emancipação, mas tendo em mente que, se servimos a algo, que este algo seja maior que uma instituição, que seja o ser humano como um todo, pois caso contrário estaremos correndo atrás da utopia, do lugar nenhum.